



A ESCADARIA DA DESIGUALDADE: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DE “PARASITA” (2019), DE BONG JOON-HO

MOURÃO, Júlia
MUXFELDT, Ana Cecília
VAZQUEZ, Filipe
SCHMITT, Vinícius
WALLAU, Vanessa Luiza de

INTRODUÇÃO

“Parasita” (2019), dirigido por Bong Joon-ho, tornou-se uma das produções mais aclamadas pelos críticos. Transitando por vários gêneros cinematográficos, o longa sul-coreano, vencedor de quatro categorias do Oscar 2020, tece críticas à sociedade coreana ao evidenciar a desigualdade social, a ilusão e o lugar ocupado por cada indivíduo dentro dessa estrutura.

Considerando tais aspectos, este estudo visa analisar, à luz da semiótica de Roland Barthes, os símbolos presentes no filme que contribuem para a construção de efeitos de sentido no espectador. A semiologia proposta por Barthes propõe descrever um signo e identificar os significados subjacentes aos mecanismos de representação.

DESENVOLVIMENTO

A pesquisa utiliza o procedimento bibliográfico e documental como metodologia, com o aporte de Barthes (2006), além das contribuições de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2000), para a análise da simbologia. Os símbolos apresentados em “Parasita” serão selecionados para uma análise semiótica pautada na abordagem de Barthes (2006) elucidando as críticas sociais presentes na obra cinematográfica.

A análise, por sua vez, é dividida em duas etapas: a denotativa, na

qual a cena escolhida é minuciosamente descrita, com riqueza de detalhes; e a conotativa, que busca explorar os símbolos e os índices. Sob o ponto de vista barthesiano, afirma Ramos (2006, p. 175), “o signo é decodificado, como uma produção social e histórica”, sendo assim analisado em seu nível conotativo.

Estrelando Song Kang-ho, Choi Woo-sik, Park So-dam e Lee Jung-eun, 기생충 (Gisaengchung) – título original em coreano – retrata a família de Kim Ki-taek desempregada, vivendo em um *banjiha*, apartamento semi subterrâneo semelhante a um porão que abriga milhares de pessoas na região de Seul, capital da Coreia do Sul. Fascinados pela vida luxuosa da família para a qual o filho Ki-woo passa a trabalhar, os Kim traçam um plano de se infiltrar, um a um, na família burguesa. A trama, no entanto, revela que a ascensão social tem um alto custo.

Em primeira análise, destaca-se um *frame* de Parasita (2019). O frame em questão se trata de um plano geral, enquadramento utilizado para destacar planos exteriores ou interiores de grandes proporções, onde a figura humana ocupa um espaço muito reduzido na tela. Nessa sequência, Ki-woo, Ki-jung e Ki-taek descem correndo diversas escadarias para o *banjiha* debaixo de uma chuva torrencial. A escada, nesse sentido, torna-se o elemento central da análise.

A ESCADARIA DA DESIGUALDADE: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DE “PARASITA” (2019), DE BONG JOON-HO

MOURÃO, Júlia
MUXFELDT, Ana Cecília
VAZQUEZ, Filipe
SCHMITT, Vinícius
WALLAU, Vanessa Luiza de



Fonte: captura de tela do filme. *In*: PARASITA, 2019.

Em um nível denotativo, o plano geral do *frame* revela: paredes de pedra sujas e molhadas; manchas de sujeira que sugerem um movimento vertical para baixo (ou seja, de queda); uma escada branca que liga, respectivamente, os cantos inferior esquerdo ao superior direito da tela; e três pessoas descendo a escadaria.

No plano conotativo, a análise recai sobre a escada como símbolo. A escada pode ser considerada uma das figuras do simbolismo ascensional – podendo, também, significar a transcendência da vocação humana e a penetração nos níveis cósmicos superiores. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2000, p. 215), “quando se trata de valor, observou Bachelard,

todo progresso é concebido como uma subida; toda elevação se descreve por uma curva que vai de baixo para cima.” Logo, considerando que os indivíduos retratados estão descendo a escada, pode-se sugerir um sentido inverso ao progresso. Infere-se, considerando o contexto sócio-econômico dos personagens, que a escada gera uma representação de efeitos de sentido acerca da desigualdade social, tema visível ao longo de toda a película.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo propõe, por meio dos métodos semiológicos de Roland Barthes, uma análise dos símbolos que fizeram de “Parasita” (2019) uma obra de destaque. Busca-se promover uma compreensão das significações dos símbolos retratados no filme, incentivando um olhar crítico em torno das produções cinematográficas.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. Elementos de Semiologia. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- PARASITA. Direção: Bong Joon-Ho. Elenco: Kang-ho Song, Hye Jin Chang, Woo sik-Choi, Jung Ziso, So-dam Park, Jung Hyeon-jun. Coreia do Sul, 2019. 132 min.